O Inferno Entrega os Seus Mortos

*“Eu sou o que vive;
estive morto, mas eis
que estou vivo por toda
a eternidade! E possuo
as chaves da morte e
do inferno.”*

— *Apocalipse 1:18*

NA TERRA DE ISRAEL, há quase dois mil anos, ocorreu a notícia mais dramática de todos os tempos, mas na época era pouco conhecido, exceto por alguns seguidores de Jesus de Nazaré. Seu Senhor e

Mestre, crucificado por seus inimigos a menos de três dias antes, ressuscitou dos mortos pelo poder divino. Agora, mais uma vez, chegamos à época do ano em que o maior de todos os milagres será comemorado. Por algum tempo, pelo menos, muitos irão pensar nesta manifestação do grande poder de Deus.

De fato, a ressurreição de Jesus foi um milagre, na qual se baseia uma das grandes pedras angulares da fé e da esperança cristã! O grande poder do Criador do universo foi exercido para restaurar a vida daquele que voluntariamente morreu pelos pecados do povo, para que eles tivessem a oportunidade de viver. O fato de que Jesus ressuscitou dos mortos nos dá confiança de que todas as promessas de Deus serão cumpridas. Isso nos assegura que podemos estudar a sua Palavra e planejar com fé, acreditando que nada do que ele prometeu é de difícil

realização para o poder divino.

Atualmente, o mundo está cheio de caos e sofrimento, e as pessoas temem que amanhã seja ainda pior. A principal razão para isso é a incapacidade da sabedoria e do poder humano para lidar com os problemas criados pelo pecado e pelo egoísmo. Muitos países no mundo temem os desígnios agressivos de outros países, e o único meio de proteção conhecido pelo homem é o baluarte do armamento. No entanto, o sucesso do plano de Deus para salvar a humanidade dos resultados do seu próprio pecado é garantido pelo poder divino. É o mesmo poder que o Criador demonstrou ao ressuscitar Jesus Cristo dentre os mortos.

No sermão do apóstolo Paulo na Colina de Marte, ele declara que Deus deu a garantia a todos os homens de um futuro repleto de justiça ao ressuscitar Jesus dentre os mortos. (Atos 17:31) Sua ressurreição provou que Deus estava muito satisfeito com o ministério sacrificial de Jesus, e também comprovou que o poder divino é abundantemente capaz de conceder as bênçãos da vida resultantes da morte do Mestre. Esse milagre demonstrou ainda que, amparado pelo poder divino, a ressurreição de Cristo é plenamente capaz de estabelecer controle nos assuntos dos homens, e que as promessas de seu reino serão devidamente cumpridas. Isso significa que podemos acreditar com confiança que no devido tempo de Deus haverá paz na Terra, que as nações “de suas espadas forjarão relhas de arados, e de suas lanças, foices.” Estas estão entre as muitas bênçãos que foram prometidas, e sabemos que o “zelo do SENHOR dos Exércitos” irá cumprir com todos os seus bons propósitos.—Miq. 4:1-4; Isa. 9:7

PROVAS INFALÍVEIS

Lucas nos informa que Jesus “mostrou que estava vivo após a sua paixão através de muitas provas infalíveis.” (Atos 1:3) O milagre da ressurreição é, portanto, bem autenticado. Mesmo depois que Jesus, já ressuscitado ascendeu à glória e não apareceu mais para os seus discípulos, ele falou ao apóstolo João através de uma visão na ilha de Patmos, fornecendo assim outra prova de que ele estava vivo. De fato, ele enfatizou isso quando, nas palavras de nosso texto de abertura, declarou: “Eu sou aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre.”—Apoc. 1:9-18

De várias maneiras, milhões associam sua própria esperança de vida ao milagre da ressurreição de Jesus. “Porque ele vive, nós também viveremos,” é um sentimento comum entre os cristãos professos, e é muito verdadeiro. No entanto, como os remidos por Jesus viverão, onde e quando, são questões que geralmente ficam sem resposta. Certamente, muitos não estão acostumados a associar as palavras de nosso texto com a sua própria esperança de vida através de Cristo, mas é uma das declarações mais significativas da Bíblia sobre o assunto.

Jesus não somente anunciou a João que agora ele estava “vivo para sempre,” mas também que ele tinha as chaves do inferno e da morte. Até que Jesus ressuscitou dos mortos, estas chaves não estavam nas mãos de ninguém. O mundo continuou a sofrer e a morrer, e não havia nada que nenhum poder humano pudesse fazer a respeito. “O pecado entrou no mundo por meio de um só homem, e o seu pecado trouxe consigo a morte.” (Rom. 5:12) Era uma penalidade justa e não podia ser anulada, pois a lei inalterável de Deus é que “o salário do pecado é a morte.”—Rom. 6:23

Portanto, não havia solução para o problema do

sofrimento e da morte. No entanto, foi diferente depois que Jesus ressuscitou dos mortos, pois então ele continha as chaves que, no seu devido tempo, iria abrir a grande prisão da morte e do inferno e libertariam os seus cativos. (Isa. 61:1; Lucas 4:18) Paulo nos fornece um pensamento similar a isso em Romanos 14:9, que diz: “Pois para este fim Cristo morreu, ressuscitou e viveu novamente, para que possa ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos.” “Ser Senhor” implica ter controle ou poder, que é essencialmente o mesmo pensamento que Jesus simbolizou ao dizer que tinha as “chaves” do inferno e da morte.

A ALMA DE JESUS NO INFERNO

Jesus associa sua morte e ressurreição com o fato de que ele agora possuía as chaves do inferno e da morte, como se ele tivesse conseguido estas chaves através da sua própria morte. Isso é verdade. Durante o tempo em que Jesus esteve morto, ele estava, na realidade, no inferno bíblico. Isso está bem claro no Salmo 16:10. Esta é uma oração profética que representa a Jesus que por sua vez está expressando a sua confiança de que ele seria ressuscitado dentre os mortos, dizendo: “Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.” O Apóstolo Pedro, no Dia de Pentecostes, citou esta profecia e confirmou que ela se aplicava a Jesus Cristo, que de fato havia ressuscitado dentre os mortos.—Atos 2:25-32

Para apreciar toda a profundidade do significado nesta bela expressão de fé do Mestre, é essencial levar em consideração o uso que ele faz da palavra inferno, tanto na sua oração como no nosso texto, onde Jesus nos diz que agora tem as chaves do inferno. No Antigo Testamento, o inferno é uma tradução da palavra hebraica sheol, e no nosso texto é traduzido da palavra grega hades, que tem o

mesmo significado.

A palavra hebraica sheol é a única no Antigo Testamento que é traduzida como inferno, mas a mesma palavra também é traduzida como sepultura e cova. A palavra sheol aparece, ao todo, sessenta e cinco vezes. Durante trinta e uma vezes, esta palavra é traduzida como sepultura, como inferno por trinta e uma instâncias e três vezes como cova. Já que este era o único “inferno” do Antigo Testamento, era, portanto, o único inferno que os antigos servos de Deus conheciam por um período de cerca de quatro mil anos.

Na realidade, o inferno bíblico é simplesmente a condição da morte, ou o estado dos mortos. O seu significado é definido em Eclesiastes 9:10, que diz: “Tudo o que a sua mão vier a fazer, faça com toda a tua força; pois não há trabalho, nem artifício, nem conhecimento, nem sabedoria na sepultura [sheol], para onde vais. Isso mostra claramente que sheol é uma condição de completa inconsciência, que é uma das razões pelas quais tanto o Antigo quanto o Novo Testamento frequentemente se referem aos que morreram como se estivessem dormindo.—Deut. 31:16; Salmo 13:3; João 11:11-14

Na maioria dos casos, os tradutores da nossa Versão King James, em decorrência do seu próprio mal-entendido, traduziram sheol como “sepultura” quando, na realidade, a referência é a uma pessoa justa. No entanto, eles traduzem a mesma palavra hebraica como “inferno” quando o texto em que ela aparece se refere a uma pessoa má. Para os leitores superficiais da Bíblia, isso tende a dar a impressão de que os justos e os ímpios vão para lugares ou condições diferentes quando morrem. A visão tradicional mantém que os ímpios vão para o inferno, que mesmo que não seja o bíblico, acredita-se ser um lugar de tormento, enquanto os justos vão

para a sepultura.

No entanto, até mesmo isso não está totalmente de acordo com o ponto de vista tradicional, que é que os justos irão para o céu. Provavelmente, os tradutores esperavam que ao ler um texto que indicasse que uma pessoa justa iria para a sepultura, os alunos pensariam nisso somente que o corpo estaria encontrando o seu lugar de descanso na morte, enquanto a alma iria para o céu.

No entanto, no Salmo 16:10, a expressão profética de confiança de Jesus de que ele seria ressuscitado dentre os mortos, os tradutores usaram a palavra inferno para traduzir sheol, embora devessem saber que o texto se aplicava a Jesus, o Filho unigênito de Deus. Ele era “santificado, inofensivo, imaculado, estava afastado dos pecadores” e, portanto, não era digno de ser punido no inferno, como eles supunham, num lugar de tormento. (Heb. 7:26) Por que os tradutores fizeram isso? Por que eles não seguiram as normas habituais e usaram a palavra sepultura, quando a referência era tão clara a uma pessoa justa?

Acreditamos que a resposta é bem óbvia. No texto, Jesus declara que sua alma não seria deixada no inferno. Aqueles que traduziram a nossa Versão King James não acreditaram que a alma de Jesus havia ido para a sepultura. Eles não acreditavam, de fato, que as almas humanas, sejam justas ou pecadoras, iriam para a sepultura, ou na sua morte, então eles não podiam traduzir muito bem o texto para revelar que as visões de toda a cristandade estão incorretas.

Portanto, eles usaram a palavra inferno, embora devessem saber que isso faria com que alguns se questionassem por que Jesus foi para o inferno quando morreu. No seu dilema e escolheram a melhor solução possível. Afinal, tradicionalmente, mas não biblicamente,

aqueles que estão no inferno estão vivos, não mortos, portanto, colocar a alma de Jesus no inferno em decorrência da sua tradução significaria que pelo menos ele ainda estava vivo.

Não nos opomos especificamente à palavra inferno como a tradução de sheol, afinal, o significado original da palavra inferno na língua inglesa, é simplesmente uma condição “oculta” ou “coberta.” Foi somente quando a palavra recebeu um significado falso por aqueles que não entendiam os ensinamentos da Bíblia em relação à morte, que sugestões de fogo e tormento passaram a ser associadas a ela. A palavra sepultura, se pensarmos nela como um local que é usado para o enterro, também não é uma boa tradução de sheol, que denota a “condição” da morte e não um local de enterro.

A alma de Jesus entrou na condição de morte. O Profeta Isaías declara que “ele derramou a sua alma na morte” e também que sua alma seria uma “oferta pelo pecado.” (Isa. 53:12,10) A palavra alma, conforme usada na Bíblia, significa o ser vivo. A ideia de Jesus derramando a sua alma na morte significa simplesmente que ele entregou a sua vida. Conforme explica Isaías, ele fez isso como uma oferta pelo pecado.

Foi pela desobediência de um homem que “o pecado entrou no mundo,” explica Paulo, “e pelo pecado a morte.” (Rom. 5:12) Assim, toda a raça humana, na realidade, tem ido para o inferno bíblico, para a grande prisão da morte. Eles não estão sendo torturados lá, mas estão mortos. A Bíblia os representa como se estivessem dormindo; primeiro, porque estão inconscientes e também porque, no devido tempo de Deus, serão restaurados à vida pelo poder divino que faz milagres. A razão para isso é que Jesus, ao derramar sua própria alma na morte, redimiu Adão e sua raça da morte. Ele tomou o lugar do

pecador na morte, na sheol, no hades, o inferno bíblico.—
Ver. 17-19; I Cor. 15:20-22

No nosso texto, Jesus confirma este ponto de vista, declarando: “Eu sou aquele que vive e estive morto.” Jesus estava realmente morto, desde o momento em que clamou na cruz: “Está consumado,” até que Deus o ressuscitou dos mortos. (João 19:30; Mat. 28:5-7) Ele morreu voluntariamente, entregando na sua morte a masculinidade perfeita como resgate, ou o preço correspondente, para a raça amaldiçoada pelo pecado, e assim adquiriu as chaves, o direito ou autoridade, para abrir as fechaduras do inferno e da morte.—Mat. 20:28; I Tim. 2:3-6

Em uma promessa maravilhosa ao apóstolo Pedro, Jesus se referiu ao inferno, hades, como tendo portões. Jesus falou sobre a construção da sua igreja e disse que as “portas do inferno” não prevaleceriam contra ela. (Mat. 16:18) Paulo explica mais tarde que a igreja, cristãos fiéis da era atual, entendem que o “corpo” de Cristo, e que o Cristo não é “um só membro, mas muitos.” (Ef. 1:22,23; I Cor. 12:12,14) A palavra Cristo do Novo Testamento corresponde à palavra Messias do Antigo Testamento. Portanto, o que Jesus e Paulo queriam dizer é que as promessas messiânicas do Antigo Testamento devem aguardar o cumprimento até que toda a classe eclesiástica esteja completa. Então, como disse o Mestre a Pedro, as “portas do inferno” não irão prevalecer contra o cumprimento destas promessas divinas.

As promessas de Deus eram que, por meio do Messias, que, como vimos, a igreja estaria inclusa e o mundo receberia a vida. A igreja, portanto, faria parte com Jesus da obra prometida de abençoar todas as famílias da terra, conforme originalmente prometido ao pai Abraão. (Gên. 12:3; 22:18) Pedro explica que essa bênção inclui a ressurreição dos mortos. Ele o descreve como res-

tituição, que significa restauração, e afirma que haverá “tempos de restituição de todas as coisas”, e que este grande tempo vindouro de bênçãos foi prometido pela “boca de todos os seus santos profetas [de Deus] desde o início do mundo.”—Atos 3:20,21

Esta bênção prometida certamente será vindoura. Embora cada geração da raça amaldiçoada pelo pecado tenha caído na grande prisão da morte, o inferno bíblico, as portas do inferno não irão prevalecer para mantê-los lá. Jesus tem as chaves desses portões. Ele irá abri-los escancaradamente e conduzirá os prisioneiros à liberdade. (Isa. 49:7-9) Os membros do seu corpo, a igreja, são os primeiros a retornar da morte por aqueles portões. A deles é chamada de “primeira ressurreição,” e é dada a explicação de que eles “reinarão com Cristo durante mil anos.”—Apoc. 20:4,6

A igreja, ressuscitada da morte e exaltada à glória e ao poder com Jesus, será associada a ele na obra milenar de despertar o restante dos mortos, mantendo as portas do inferno abertas até que todos os prisioneiros da morte sejam libertos. Temos certeza disso em Apocalipse 20:13, onde lemos: “Deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia.”

Certamente, o inferno desistirá de seus mortos! O Criador, que deu a vida, prometeu restaurar a vida, e Jesus ratificou estas promessas ao se entregar na morte como resgate por Adão e sua descendência condenada e moribunda. Por meio da morte substitutiva do homem perfeito que é Jesus, toda a humanidade se converteu nos resgatados do Senhor, e uma das promessas reconfortantes de Deus é que “e os resgatados do SENHOR voltarão [da morte], e virão a Sião [o reino messiânico] com júbilo, e alegria ... suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido.”—Isa. 35:10

TRÊS GRANDES MILAGRES

Conforme visto, o maior de todos os eventos da história humana, a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, foi na realidade o primeiro dos três milagres notáveis no plano de Deus para redimir a humanidade da pena da morte e restaurar o povo à vida. O segundo desses milagres é a ressurreição dos seguidores das pegadas de Cristo e a sua exaltação à natureza divina para viver e reinar com ele durante os mil anos do seu reino. O terceiro grande milagre será o despertar da morte de todos os que estão em seus túmulos, para que também tenham a oportunidade de participar das bênçãos resultantes da morte de Jesus na cruz do Calvário.—João 5:28,29; Atos 24:15; Apoc. 21:3-5

Aqui, então, está um fundamento seguro para fé e esperança, embora o mundo hoje esteja mais aflito com sofrimento e morte do que nunca. Numa profecia a respeito de nossos dias, Daniel falou de um “tempo de angústia, como nunca houve desde que houve nação.” (Dan. 12:1) Há todos os motivos para crer que esta profecia está sendo cumprida em meio ao medo mundial atual e aflição do povo. A perspectiva seria sombria e tristonha, se a garantia de libertação estivesse associada a esta profecia não somente em decorrência do problema, mas também da morte.

“Naquele tempo”, continua Daniel, “livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão.” (Dan. 12:1,2) A expressão “teu povo” é uma referência ao povo de Daniel, que na realidade é o povo de Deus, cristãos fiéis da era atual, os israelitas que creem no divino. Eles são os primeiros a serem libertados, e isso ocorre na primeira ressurreição. Então seguirá o despertar daqueles que “dormem no pó da terra.” Quando forem despertados

da morte, eles terão a oportunidade de aceitar as provisões da graça divina por meio de Cristo. Se fizerem isso e obedecerem às leis do reino que estiverem sendo praticadas, eles irão receber a vida eterna na Terra.—Mat. 6:10

É uma perspectiva gloriosa, tanto para os seguidores de Jesus quanto para a humanidade em geral. O fato de que o mundo está atualmente passando por um grande momento de angústia e tribulações significa que essas prometidas bênçãos da vida estão muito próximas. Baseado nisso, a nossa comemoração da ressurreição de Jesus neste ano deverá ser mais do que nunca significativa e inspiradora de esperança. Embora possamos estar cercados atualmente de tristeza e morte, as promessas divinas de alegria e vida estão próximas. A garantia disso é que há quase dois mil anos, Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos! ■